

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 4 - Educação de qualidade

PARADIGMAS DO CONHECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES PARA O EXERCÍCIO DOCENTE ¹

KNOWLEDGE PARADIGMS: CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING EXERCISE

Jordana Perkoski Dumke²

¹ Estudo realizado na disciplina Paradigmas do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUÍ., sob a orientação dos Professores Dr. José Pedro Boufleuer e Dr. Paulo Evaldo Fensteseifer

² Licenciada em Pedagogia e mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, jordadanumke@gmail.com

INTRODUÇÃO

A educação tem em sua razão de ser o conhecimento, a partir do qual as novas gerações têm a oportunidade de conhecer e serem imersas em um mundo humano comum e o “aprender” sobre o mundo comum é o que possibilita sua continuidade. Compreende-se que as concepções acerca do conhecimento e da educação vêm se modificando durante o tempo, assim como a relação educador-educando.

Uma das maneiras de tematizarmos a relação educacional é por meio dos paradigmas do conhecimento, os quais predominam sob determinada época, muitas vezes de forma irrefletida, embora possam coexistir em um mesmo tempo histórico. Os paradigmas constituem formas consideravelmente estáveis de operar a razão e produzir conhecimentos, sob as quais a ciência se constrói e também são construídos pela ciência (BOUFLEUER, 2017).

O presente trabalho tem como objetivo discorrer acerca dos três paradigmas do conhecimento distinguidos por Marques (1992): paradigma ontológico ou metafísico, paradigma moderno ou da razão subjetiva e paradigma neomoderno ou da ação comunicativa. Busca-se dar pistas ao educador para que possa identificar qual paradigma orienta sua ação educativa para que possa refletir acerca de seu exercício docente.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho bibliográfico, compreendendo leitura, análise crítica e sistematização de textos clássicos e de comentadores relativos ao tema dos paradigmas da educação e seus vínculos com o fazer docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paradigmas do conhecimento serão tratados aqui em seu sentido mais amplo, remetendo aos referenciais carregados por cada época. Mario Osório Marques, grande pensador da educação, nos convida a pensar os paradigmas do conhecimento de uma forma “abrangente de toda ação humana e de todo conhecer em seus eixos e mudanças mais radicais, não estritas, esporádicas ou parciais” (1992, p. 548).

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

Podemos compreender que os paradigmas estão sempre em reconstrução, ou seja, um novo é cunhado a partir do anterior, Marques (1992) nos diz que eles não se sucedem, mas se interpenetram, emergindo daí a necessidade de, enquanto educadores, os conhecermos para podermos compreender a partir de qual nossas ações educativas são orientadas.

A partir do caráter de interpenetração dos paradigmas é que podemos compreender a imersão das tradições na educação, operando e justificando suas razões de ser. Reconhecer os paradigmas que operam e sustentam a ação educativa é uma forma de compreendermos a crise enfrentada pela educação e também é fundamental para a reconstrução e justificação do ato de educar, bem como para “o alargamento de horizonte cultural, relacional e expressivo, na dinâmica das experiências vividas e na totalidade da aprendizagem da humanidade pelos homens” (MARQUES, 1993, p. 108).

Segundo Boufleuer (20--?, p. 1), “a educação é sempre a expressão (racional) do entendimento que determinada sociedade tem em relação ao que constitui propriamente o ‘humano’”, assim, podemos considerar que não é possível pensar a educação sem pensar em qual concepção de humano ela está fundamentada.

A espécie humana se diferencia das demais espécies animais pela sua capacidade de transcender o previamente estabelecido. Somos uma espécie inacabada, que necessita ser educada e educar-se na medida em que produzimos cultura. É pela educação que nos tornamos humanos, como já nos dizia Kant (1999, p. 15): “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação faz dele”.

Como destaca Boufleuer (1991, p. 20) “o inacabamento caracteriza o homem como um ser em busca, em construção. A tomada de consciência disso constitui a raiz da própria educação. E é também sob esse aspecto que o homem se distingue dos animais”. Ao nascer o homem não se desenvolve espontaneamente a partir de um modelo segundo a sua espécie, mas é acolhido e educado de acordo com o modelo de civilização e cultura da sociedade em que está inserido. Essa coerção é necessária à condição humana. Já os adultos são responsáveis por “contar o mundo” às novas gerações. Ou seja, para que as crianças não tenham que começar do zero, eles lhes ensinam o já conhecido com base em suas crenças, valores e concepções. (BOUFLEUER, 1991).

A educação é um processo sociocultural, no qual as novas gerações se familiarizam com o conjunto de tradições, normas e valores veiculadas pela cultura. E isso significa que cabe a ela sensibilizar crianças e jovens com relação às questões que dizem respeito à ética como o fundamento da vida humana, na relação de cada um tanto com a natureza, quanto consigo mesmo e com os demais. (GOERGEN, 2005)

Podemos compreender que a finalidade da educação é a humanização e o modo como ela se concretiza depende do modo de operar da própria razão. Acerca destes modos de operar da razão que busco refletir a partir dos paradigmas do conhecimento.

O paradigma ontológico ou metafísico tem como base o “idealismo” e o “dualismo”, termos cunhados por Platão a partir de sua crença no “mundo das ideias”, segundo a qual a realidade do mundo e das coisas se encontra nas ideias que temos sobre elas. Uma vez revelada à essência de determinado objeto de conhecimento ela permaneceria imutável. Tal essência não estava na realidade visível, mas nas ideias sobre as coisas. Assim, para Platão o ser está posto, há uma objetividade, uma

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

realidade a ser revelada, descoberta, capturada.

Ao tratarmos deste paradigma não há como deixar de fazer referência ao “Mito da Caverna” de Platão, segundo o qual os prisioneiros estavam “presos” no mundo sensível, tomando como real as sombras projetadas por outros a partir da fogueira. Todavia, somente ao sair da caverna poderiam ver a verdade através da luz do dia. Isso porque o mundo inteligível é mais real do que o mundo sensível. Assim, Platão separou estes dois mundos: o mundo sensível, da doxa (opinião) e o mundo das ideias, da episteme (conhecimento verdadeiro) e seria pelo uso da razão que poderíamos chegar a episteme.

Em contrapartida, na mesma linha de pensamento, mas com diferente intencionalidade, Aristóteles acreditava que a verdade não estava nas ideias das coisas, mas nelas mesmas e para que pudéssemos conhecê-las em sua essência eram necessárias experiências empíricas. Com o uso da inteligência o objeto de conhecimento poderia ser descoberto, caracterizando assim o “realismo aristotélico”.

Tanto Platão quanto Aristóteles são filósofos metafísicos, uma vez que entendem que há um sentido previamente posto sobre as coisas no mundo, bastando capturarmos sua essência, seja pelo idealismo ou pelo realismo. No paradigma ontológico ou metafísico há o desejo de encontrar a seguridade para a vida humana, algo que garanta segurança em relação a incompletude característica do humano.

Com relação a educação, nesse paradigma a ideia seria inserir o educando na ordem do mundo e dos homens, levando-os em direção à luz. Isso seria possível a partir da captura da essencialidade, ou seja, o educador que já havia descoberto a verdade sobre o mundo e as coisas iria transmiti-la aos educandos. Assim, podemos compreender que nessa perspectiva o conhecimento é tomado como estático e objetivo e cabe ao educando ser passivo e recebê-lo sem questionamentos.

O ensino, nesta concepção metafísica, consiste em transmitir fielmente verdades aprendidas como imutáveis; e a aprendizagem é a assimilação passiva das verdades ensinadas. Ensinar é repetir; aprender é memorizar. É decisivo o papel do professor, insubstituível em sua qualidade de portador individual dos conhecimentos depositados na tradição cultural. Os alunos são todos iguais, desde sua ignorância radical dos conhecimentos de que necessitam para se adaptarem ao cumprimento de suas futuras obrigações. (MARQUES, 1992, p. 551)

Com a modernidade e os ideais iluministas do homem esclarecido, autônomo e livre passamos a ser orientados pelo paradigma moderno ou da razão subjetiva, onde o sujeito passa a ser considerado autorreferente e há uma supremacia da razão. Acredita-se no homem como senhor do seu próprio destino, que pelo uso da razão consegue guiar sua vida e definir seu futuro, livre de amarras externas que fogem de seu controle, pois os objetos de conhecimento passam a ser dominados e usados pelo homem em prol de si mesmo.

Esse novo modo de operar da razão marca profundamente a história da humanidade, foi um ganho significativo a crença na capacidade humana de compreender que fazemos mundo, pois nos libertamos de verdades inquestionáveis, muitas vezes propostas pela religião, e assumimos o controle de nossas vidas. Em contrapartida, esse modo de conceber o conhecimento, a natureza e o mundo ao nosso dispor, para nosso domínio, acarretou a racionalidade instrumental, segundo a qual a razão está a serviço de interesses individuais. Aqui, o conhecimento serve “para tornar-nos senhores e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1985, p. 79).

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

Orientado por este novo paradigma o homem passa a centrar-se em si mesmo, não medindo a consequência de seus atos. Ganhamos de um lado e perdemos, ou nos perdemos, de outro, pois os sujeitos de razão da modernidade deram início às guerras, o totalitarismo e a destruição da humanidade em massa. Nesse período também começa operar a ideia de progresso, alinhada ao capitalismo, direcionando os modos de pensar e agir do homem. Na esteira da funcionalidade, os sujeitos deixam de sê-los e passam a ser tomados como objeto a partir dos quais o progresso pode ser alcançado.

No que se refere à educação, o conhecimento é tomado como centro e como uma construção subjetiva. Por meio dela buscava-se a formação do sujeito autônomo, detentor de conhecimento e dominador racional da natureza e da sociedade, nesse sentido, a aprendizagem era voltada ao conhecimento científico. A escola, orientada pelo modo como operava a razão na época passou a voltar-se à formação das novas gerações com vistas ao projeto de humanidade de autoafirmação do sujeito no mundo.

Em contrapartida às ideias metafísicas que circunscreviam os paradigmas citados anteriormente, o paradigma neomoderno ou da ação comunicativa é marcado pela linguagem, com o reconhecimento de sua importância na constituição do humano e seu mundo. Acredita-se que enquanto humanos nos constituímos na e pela linguagem, por meio da intersubjetividade. A linguagem é uma construção simbólica por meio da qual aprendemos, logo, toda colocação em relação ao mundo está submetida a linguagem.

Aqui deixamos de lado a relação sujeito-objeto e passamos a conceber o conhecimento como uma construção, uma elaboração dos sujeitos alinhada ao mundo que fazem parte e que os constitui. O entendimento acerca da razão passa a ser compreendido em perspectiva própria e por meio de uma ação comunicativa. Não há mais certezas que nos dão segurança, tudo o que sabemos ou poderemos saber em relação ao mundo da vida está condicionado à linguagem.

Passamos a compreender que o mundo é constituído pela relação estabelecida entre os sujeitos. Não há caminhos a serem seguidos, o homem, por meio da linguagem, é quem trilha o caminho a ser percorrido. Verdades imutáveis, certezas absolutas, são motivos para desconfiança, pois o conhecimento é construído por meio da comunicação, do diálogo, não é estático e imutável, está sempre em reconstrução por meio da intersubjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias propostas pela disciplina me tocaram na medida em que pude compreender o caráter de interpenetração proposto por Marques (2002) em relação aos paradigmas do conhecimento. Este aspecto me remete a algo muito comum na atuação docente, os modismos e fórmulas salvacionistas que seduzem educadores a deixarem de lado suas concepções já construídas para adotar novas condutas que dizem garantir “sucessos” na aprendizagem.

A ação educativa em perspectiva hermenêutica parte da ideia de que não há receitas para educar o outro, enquanto educadores estamos sempre trabalhando com a incerteza. Educar pressupõe exposição ao risco, ao inesperado, não há certezas de que a ação terá êxito, pois estamos em contato com o outro, o qual é constituído pela historicidade.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

Ao educar não reproduzimos conhecimentos historicamente construídos, os tematizamos de acordo com o tempo e espaço dos quais falamos, a partir de nossas próprias visões de mundo. No contato com o outro, por meio da linguagem, nos damos conta de que aquilo que abordamos não revelam verdades absolutas. Logo, concluímos que não somos detentores do saber, necessitando, nesse contato com o outro, colocar nossas verdades em pauta e praticar a autoformação e reconstrução de saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUFLEUER, José Pedro. A Filosofia da Educação no Curso de Graduação em Pedagogia: uma abordagem a partir dos paradigmas do conhecimento. In.: BANNEL, R.I.; GOMES, L.R.; GALLO, S.; PAGNI, P.A. (orgs). **Filosofia da educação**: entre a formação de educadores e a qualificação profissional. São Paulo: Cortez, 2017, p. 98-115.

BOUFLEUER, José Pedro. **Paradigmas do conhecimento e da educação**. [S.l.]: [20--?].

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia latino-americana**: Freire e Dussel. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1991.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. Brasília: Editora UnB, 1985.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

MARQUES, Mario Osorio. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: Unijuí, 1993.

MARQUES, Mario Osorio. Os Paradigmas da Educação. In: **Revista Brasileira de estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 73, nº 175, p. 547 – 565, set/dez, 1992.

Parecer CEUA: 017/19

Parecer CEUA: CAAE: 84431118.2.0000.5350